

Leandro Gomes de Barros

A Noiva do Gato.



E

A Vingança de um filho

Leandro Gomes de Barros

A Noiva de Gato



E

A Vingança de um filho



A NOIVA DO GATO

No tempo que Eva era moça
E Adão era rapaz
Ninguém andava na moda,
Com medo de satanaz
Fundo de calsa era adeante
E abraguilha era atraz.

Os bichos n'aquelle tempo
Não eram como hoje são
Fallavam sabiam ler,
Tinham civilisação
Sabiam se defender
Qualquer um tinha instrucção.

O burro era professor
Jabuty, adevogado.
O porco, jniz de orphão
Calangro era delegado
O gallo era escrivão
Bode vigario collado.

Então o lião dispunha
Da corôa imperial
Cachorro não era rei,
Mas tinha sangue real
Tejuassú era major
O cururú general.

Gato era thezoreiro
O rato tabelião
Persovêjo era um rapaz,
De grande habilitação
Adevogava o paiz
Quando esse estava em questão
Gavião criava pinto
O morcego era marchante
A raposa era fiscal,
Catita commerciante
Cupim vendia fazenda
Negociava ambulante.
Formiga era agricultôra
A traça era costureira
Timbú comprava gallinhas,
Aranha era lavadeira
A cobra bordava a ouro
Cigarra era emgommadeira.
A justiça era mais dura
De que qualquer um rochedo
O roubo era crime horrendo,
Namoro? n'em por brinquedo
Falar das bichas casadas?
Nem mesmo havendo segredo
O gato por pensar pouco
Namorou uma catita,
Por causa d'esse namoro

Houve uma guerra maldita
Quasi que se acaba os bichos
Deitando a terra esquisita.

O gato se namorou
Da filha do guabirú
Afilhada do cachorro,
E da mulher do tejú
Por isso houve uma guerra
Onde ajuntou urubú.

Foram justar casamento.
O gato amolou as unhas
A catita perguntou.
Isso ahi serão dez cunhas?
Disse o gato: essas aqui
São as nossas testemunhas.

A rata desconfiou
Entrou atraz de um caixão
Disse o gato: minha noiva
Olhe sua certidão,!
A catita disse: vôtes!
Procure outra noiva, eu não.

E correu logo d'alli
Foi a casa do cachorro,
Disse a elle: meu padrinho
Me acuda, se não eu morro,
Triste de mim se a seus pes
Não encontrasse socorro.

Meu pai é velho, está fraco
Não aguenta ripucho,
Certas questões para velho
Bem sabe que não é luxo,
E ninguém cria família
Para passarem no bucho.

E as cousas hoje estão
Que ninguém tem liberdade,
Tudo que habita na terra
Só explora com maldade
Quem não fiser pela vida
Tem que perdel-a mais tarde.

O cachorro perguntou-lhe
Minha afillhada o que tem?
Disse a catita; D. Gato,
Não é pessoa de bem
Me pediu em casamento
E isso não me convem.

Disse o cachorro elle é
Empregado no thezouro,
Disse a rata: eu não o quero
Inda elle sendo de ouro,
Nem que fosse de brilhante
Quanto mais sendo de couro.

Elle ja casou com uma
Filha de um rato de fama
Lhe promettendo vestidos:

Casa com criado e ama
De manhã achou-se d'ella
A cauda em cima da cama.

Chamou o sogro e a sogra
Para com elle ceiaem
A visinhança d'alli
Viram os ratos entrarem
Ouviram o chiado dentro
Ninguém viu elles voltarem.

O cachorro olhou-a e disse:
Discanse minha afillhada
Vou escrever a curuja
Faser-lhe recommendada,
Disse a rata: Deus me livre
D'aquella amaldiçoada.

Meu primo o rato de fa a
Indo la se valer d'ella
Ella mandou elle entrar,
E passou-o na moela,
O diabo é quem quer mais
Saber d'aquella cadella.

Então o cachorro disse:
Eu vou escrever ao gato
Previnindo que respeite.
Todos do compadre rato.
Sa bulir com pôvo d'elle
Se arrependerá do acto.

Fez uma carta bem feita
Deu a rata e disse: leve
Diga ao gato que me mande,
A resposta d'ella breve
A catita recebeu-a
Disendo: essa aqui me serve.

Sahiu a rata contente
Porque levava a cartinha
Disse ao guabirú pai d'ella,
Vamos que não vou sosinha
Quero tomar os conselhos
Que me deu minha madrinha.

Oh! de casa! disse: a rata
O gato disse: oh! de fora,
Disse o gato oh minha noiva!
Pensei que tinha ido embora,
Entre venha dar-me um beijo
Que estou com saudade agora.

A rata puchou a carta
Porém o gato não viu
Beijou-a com tanto gosto,
Que no beijo a enguliu
O guabirú vendo isso
Rapidamente sahio.

Chegue meu futuro sogro
Disse o gato se lambendo,
O guabirú disse vôtes!

Ganhou o mato correndo,
Não vou la nem com assucar
D'agora em diante me emmendo.

O rato chegou em casa
A mulher lhe perguntou
Fulano que dê catita?
O guabirú se calou,
Depois disse só o gato
Sabe onde ella ficou.

A rata mãe da catita
Vai onde o cachorro estava
Então expoz ao cachorro
Tudo quanto se passava,
O cachorro alli jurou
Que o gato inda lhe pagava.

O cachorro officiou
Ao capitão tejuassú
E deu parte a mulher d'elle,
A D. Surucucú,
Que tambem era madrinha
Da filha do guabirú.

O capitão tejuassú
Ameaçou logo o gato
Chamando elle assacino,
Traidor, vil, e ingrato
Que elle lhe pagava amorte
Que fez na filha do rato,

O gato sabendo disso
Ficou bastante massado
Chamou o preá da India,
Que era subdelegado
Mandou prender tejuassú
Por que o tinha insultado

O preá da India foi
Tejuassú não se entregou
Ficou com 4 soldados.
De 10 praças que levou
Sahio ferido tambem
Ganhou ao mato voltou.

Chegou o preá e disse
O que tinha succedido
Dos soldados que perdeu.
E elle sahio ferido
Disendo que tejuassú
Estava muito munido.

O gato ficou damnado
Com o que succedeu lá
Disse ao sobdelegado,
Mao devia vir mas cá
Ficou com tanta paixão
Que alli comeu o preá.

Foi o gato a mesma hora
Ao general cururú
Disse: eu comi por engano,

A filha do guabirú
Sem saber que era afillhada
Da mulher do tejuassú.

O commendador Cachorro
Não gosta de minha raça
Era padrinho da catita,
E um dos que me enbaraça
Se não for V. excelencia,
Elle faz minha desgraça.

Perguntou o general
Se a mulher do tejuassú
Se por acaso seria,
Da familia guabirú
Disse o gato: a mulher d'elle
É d. Surucucu'.

Exclamou o general,
É uma desgraça immença
Essa questão para mim
Torna-se mal que vai pensa
A cobra é minha inimiga
Se elle me ver não despença.

A força d'ella não faz
Eu desanimar a fé
So pedindo intervenção,
Ao compadre jacaré
Formo o batalhão marchô
Vamos ver Deus por quem é.

Havia no batalhão
Um frango preto de raça
Que fazia uns 4 mezes
Que tinha assentado praça,
O cururú n'esse dia
O atirou na desgraça.

Chamou o frango e lhe disse
Praça você vai levar
Este officio ao tejuassú,
E volte quando entregar
Estamos em tempo de guerra
Ninguem pode descansar.

Lia-se n'um envelope
Feito na pena de perú.
Dignissimo cidadão,
Capitão tejuassú
Das filheiras do exercito
Do general cururú.

Quando a praça chegou lá
O tejuassú ficou contente
Chamou a mulher e disse
Olha que frango patente,
O general cururú
Me mandou de presente.

O general cururú
Sabendo do resultado
Que o portador do officio.

Tinha sido confiscado
Se escorou nas duas mãos
Exclamou isso é damnado

Disse ao cabo gafanhoto
Cabo com urgencia võe
Va na lagôa de tal
Diga ao major sapo boi,
Que eu presiso delle ja
Você conte como foi.

Diga ao major caldeireiro
Que chame o duque caçote
O sapo sunga-nenen,
Traga-o que é rapaz forte
Elle só traz de combate
Ou a victoria ou a morte.

Poucos minutos depois
No palacio do barreiro
Era sapo por desgraça.
Estava o major caldeireiro
Alferes sunga-nenen
E d. pitimbú aveiro.

Seguiu a força levando
Como o chefe cururú
E na boca do buraco,
Viram o tejuassú
Estava catando piólho
Em d. surucucú.

O general cururu'
Mandou tocar avançada
Disse: Sr. tejuassu'
Sua casa está cercada,
A Surucúcu' lhe disse
General, temos caçada.

E fazendo uma rodilha
Deu logo o primeiro bote
Trasendo nas duas prezas,
Ja morto o duque caçote
É o major caldeireiro
Foi no segundo pinote.

No meio da luta chegou
Um gavião na floresta
Pegou a surucúcu'
Disendo: vamos a festa
Agarrou o tejuassu'
Esse convite não presta

O cachorro entrou no meio
Disendo faser a paz,
A garrou o tejuassu'
Disendo. espere rapaz
O cururu' disse alli
Não sou politico mais.

O sapo sunga-nenen
Disse com cara de choro;
En não saio mais do barreiro

Nem que me dêem um thesouro
Eu não tenho filha moça
Nem sou juiz de namôro

VINGANÇA DE UM FILHO

Foi para Minas-Gerães
Foi em cas de Antão
Pedi-lhe que socorresse-o
Com a sua proteção,
Pois era estrangeiro pobre.
Estava sem remissão.

Antão era um fazendeiro
Bom, franco e caritativo
Enterrava os mortos pobres
Soccoria a qualquer vivo,
Sò despedia empregado
Havendo grande motivo.

Antão lhe deu uma casa
E elle ficou morando,
Trabalhva como mouro.
Antão sempre o ajudando
Entretantao era uma cobra,
Que estava ali se criando

Os calculos d'esse individuo
Não precisavam de emmenda
Elle morava n'um sitio,
Aonde pagava renda
Antão lhe emprestou dinheiro,
Elle comprou a fazenda.

N'essa fazenda elle teve
Enorme prosperidade,
Propoz questão ao visinho,
Tomou-lhe a propriedade,
Em poucos annos elle tinha
Terra em grande quantidade.

Ajuntou muito dinheiro
Comprou titulo de barão
Roubou mais um velho rico,
Por meio de uma questão
Depois pegou a sondar
Cmo roubaria Antão.

Porem achava impossivel
Antão era muito activo,
E em todos os bens de Antão
Ninguem achava motivo,
E só podia ganhar,
Antão não estando mais vivo.

Antão indo um dia a missa
A mulher tinha levado
E entregou o menino

A ama do emgomado
Recommendo a Andreza
Muita cautella e cuidado,

Antão vinha para casa
O malvado o emboscou
Ja ao entrar do portão
A fera n'elle atirou,
Tanto Antão como a mulher
Com um só tiro os matou.

Foi procurar o menino
Aonde tinha ficado
Viu que Andrêza e o menino
Tinham tudo observado,
O Firmino n'esse tempo
Inda não tinha cegado.

E endagando de Andrêza
Pelo menino de Antão
Essa respondeu é lastima
Eu lhe contar, senhor barão.
Eu estava no rio com elle
Elle cahio no purão.

Foi alli que elle exigiu
Ella e Firmino jurarem
Que nem na hora da morte
Haviam de revelarem
O segredo d'esse facto
Eternamente guardarem.

Disse elle alli a Andrêza
Eu não posso ter demora
Pode vir uma pessoa
E me ver aqui agora,
Veja o que existe na casa
Leve a mim que vou embora

Andrêza abriu todas as malas
Todos os papeis tirou
As escrituras das terras.
Dinheiro que encontrou
Joias e outros objectos
Na casa d'ella guardou.

No mais tudo tocou fôgo
Deichando o que foi achado
E foi diser ao barão,
Que os quartos estavam trancados
Divia ser onde tinha
Os objectos guardados.

E foi diser ao barão
Que os papeis não achou
Antão antes de sahir
Todos os quartos trancou,
As chaves foram perdidas
Ou foi alguém que roubou.

Então espalhou-se anova
Que Antão foi assassinado
O barão ajuntou gente,

Mostrou-se contrariado
Jurou na vista do pôvo
Antão inda ser vingado.

Deixe-se aqui o barão
Com sua grande riqueza
Para poder se tratar
Nos planos que fez Andrêza
E num coração estranho,
Como se encontra firmesa.

O leitor deve lembrar-se
Quando tratei no barão
Que elle estava em Portugal
Encerrado na prisão,
Esperando pelo dia
De sua condemnação.

Uma carta de libello
Que o juiz tinha dado
Elle por esquecimento
N'um bolso tinha guardado,
Ella cahio no lugar
Que Antão foi assassinado.

Andrêza achando-a guardou-a
Disendo: oh que documento!
Ha dias que isto aqui.
E' o melhor instrumento
Este è capaz de acabar.
Uma questão n'um momento.

Andrêza os leitores sabem,
Da forma que ella sahiu
Um compadre acompanhou-a
Na noite que ella fugiu
Tambem esse foi o unico
Outra pessôa não viu.

Sahiu de Minas-Geraes
Foi para o Rio de Janeiro
Empregou-se como ama
Em casa d'um trapicheiro
E n'esse trapiche Arnaldo,
Praticou para caxeiro

Arnaldo era um menino
Fiel e intelijente
De expressões muito agradaveis
Activo e obdiente
O patrão tratava elle
Como si fosse um parente.

Continúa no "Diabo na Nova-ceita"

ACIDENTES

Paralyza (Capital)—F. C. Rapinista
& Inção.

Em Rio Branco—Manuel Yanna

Em Manaus—Benjamin Cardoso

Em Curitiba—João de Barros

Em Pederzura—José Liberal

Espirito Santo Jardim do Sítio no

Rio Grande do Norte

José Nunes de Figueiredo

Em nossa biblioteca particular

encontra-se vinte e tantas quadras

des de folhetos deste autor

Remete-se pelo correio median

te a importância qualquer quantia

de para qualquer Estado

de

propriedade

Rea do Alcega n. 34 Recife

1013

17

AGENTES

Parahyba (Capital)—F. C. Baptista & Irmão.

Em Rio Branco—Manuel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruarú—João de Barros,

Em Pesqueira—José Liberal.

Espirito Santo Jardim do Siridó no Rio Grande do Norte

José Nunes de Figueirêdo

Em nossa biblioteca particular encontra-se vinte e tantas qualidades de folhetos deste autor,

Remete-se pelo correio mediante a importancia, qualquer quantidade para qualquer Estado

O autor reserva o direito de propriedade.

Rua do Alecrim nº 34 Recife.

(LGB)